



**Instituto Superior De Ciências Da Educação
ISCED-HUÍLA**

**IMPORTÂNCIA DA INTERACÇÃO SOCIAL NO
RENDIMENTO ESCOLAR: UM ESTUDO JUNTO DOS
ALUNOS DA 2ª CLASSE DA ESCOLA DO ENSINO
PRIMÁRIO Nº 60 DO LUBANGO**

Autor: Tiago Chipilica

Lubango/2022



Instituto Superior De Ciências Da Educação

ISCED - HUÍLA

**IMPORTÂNCIA DA INTERACÇÃO SOCIAL NO
RENDIMENTO ESCOLAR: UM ESTUDO JUNTO DOS
ALUNOS DA 2ª CLASSE DA ESCOLA DO ENSINO
PRIMÁRIO Nº 60 DO LUBANGO**

Trabalho de Fim do Curso apresentado
como requisito para obtenção de título de
Licenciado em Ensino da Psicologia

Autor: Tiago Chipilica

Tutor: Valentino Mateus Jambela

Lubango/2022



Instituto Superior de Ciência de Educação da Huíla
ISCED-Huíla

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Tenho consciência que a cópia ou plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou a retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu **TIAGO CHIPILICA**, estudante finalista do Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla (ISCED-HUÍLA) do curso de ENSINO DA PSICOLOGIA, do Departamento de Ciências de Educação, declaro por minha honra, ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante a minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, 21 de Março 2022

O Autor

Tiago Chipilica

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares e em especial aos meus pais com eterna saudade. Às minhas irmãs, esposa filhos e sobrinhos. Doutro modo, a todas pessoas que de alguma maneira colaboraram para execução deste trabalho e souberam valorizar a sua importância.

AGRADECIMENTOS

À Deus, primeiramente, pela força, coragem e sabedoria que nos conduziu até ao final do curso. Aos meus filhos e esposa pelo apoio incondicional, pela paciência inesgotável.

Ao professor Valentino Mateus Jambela, por orientar este Trabalho de Fim do Curso.

A todos professores e funcionários do ISCED-Huíla, com realce aos professores da secção de Ensino da Psicologia, que ao longo dos quatro anos de formação, transmitiram-me conhecimentos científicos e culturais que permitiu a elaboração da presente monografia.

Aos colegas da jornada académica, por me terem incentivado para que este trabalho se tornasse uma realidade.

O meu muito Obrigado!

RESUMO

O tema do presente trabalho, “Circunscreve-se na importância da interação social no rendimento escolar dos alunos da 2ª classe da Escola do ensino primário Nº 60 do Lubango”. A partir deste tema, levantou-se o seguinte problema científico: Qual é a importância da interação social no rendimento escolar dos alunos da 2ª classe da Escola do ensino primário Nº 60 do Lubango? De acordo com o problema em causa, definiu-se o objectivo geral que consiste em descrever a importância da interação social no rendimento escolar dos alunos da 2ª classe da Escola do ensino primário Nº 60 do Lubango. E, do objectivo geral, deduziram-se os seguintes objectivos específicos: 1- Identificar as principais teorias que se debruçam sobre o objecto de estudo; 2- Caracterizar a situação actual do objecto de estudo na escola investigada; 3-Elaborar, aplicar e interpretar os resultados do inquérito por questionário (aplicado) na escola investigada. O campo de acção circunscreve-se no âmbito da Psicologia pedagógica. É de design descritivo do tipo quantitativo, para obtenção dos dados utilizou-se como instrumento o inquérito por questionário. A população foi constituída por 10 professores, 2ª classe do mesmo colegio, a amostra foi de 10 professores, seleccionados através de critérios amostragem do tipo censo. Recorreu-se aos métodos teóricos (Histórico lógico, Dedutivo-indutivo e Análise-Síntese), métodos empíricos (Inquérito por questionário e o estatístico). Os resultados indicaram que a cerca de 100% dos professores entrevistados já ouviram falar sobre interação social e maior parte afirmou que a importância da interação social é de estimular o desenvolvimento cognitivo, competências sociais e atitudes cooperativas.

Palavras-chave: Interação Social, Rendimento escolar, Alunos.

ABSTRACT

The present work has as its theme 'It is limited to the importance of social interaction in the school performance of students in the 2nd grade of Primary School N° 60 of Lubango'. Based on this theme, the following scientific problem was raised: What is the importance of social interaction in the academic performance of students in the 2nd grade of Primary School N° 60 in Lubango? According to the problem in question, the general objective was defined, which consists of describing the importance of social interaction in the academic performance of students in the 2nd grade of Primary School N° 60 in Lubango. And, from the general objective, the following specific objectives were deduced: 1- Identify the main theories that focus on the object of study; 2- Characterize the current situation of the object of study in the investigated school; 3-Develop, apply and interpret the results of the survey (applied) in the investigated school. The field of action is limited to the scope of Pedagogical Psychology. It has a descriptive, quantitative design. To obtain the data, the questionnaire survey was used as an instrument. The population consisted of 10 teachers, 2nd grade of the same school, the sample consisted of 10 teachers, selected through census-type sampling criteria. Theoretical methods were used (Logical History, Deductive-Inductive and Analysis-Synthesis), empirical methods (Questionnaire and statistical survey). The results indicated that about 100% of the teachers interviewed had already heard about social interaction and most stated that the importance of social interaction is to stimulate cognitive development, social skills and cooperative attitudes.

Keywords: Social Interaction, School performance, Students.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE AUTORIA.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	4
1.1- A Interacção social: Definição.....	4
1.2- Incursão Histórica sobre o estudo da Interacção social.....	7
1.3- Teorias sobre a interacção social.....	10
1.4- A Teoria da Actividade.....	10
1.5- Teoria de Vygotsky.....	11
1.6- Teoria de Piaget.....	13
1.7- O sucesso escolar.....	14
1.8- Factores gerais que influenciam na interacção social.....	16
1.1.1.Família.....	16
1.1.2.Personalidade.....	18
1.1.3.Autoconhecimento.....	19
1.2.Factores que influenciam o rendimento escolar.....	20
1.2.1.Influência da família.....	21
1.2.2.Influência da escola.....	22
1.2.3.A preparação pedagógica do professor.....	23
1.2.4.Relação professor – aluno.....	23
1.2.5.Influência da comunidade.....	24
CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	27
2.1- Preliminares da investigação.....	27
2.2- Caracterização geral do Colégio nº 60 do Lubango.....	27
2.3- Design da investigação.....	27
2.4- Instrumentos de investigação.....	28
2.5- Determinação da população e amostra.....	28
2.5.1- População.....	28
2.5.2- Amostra.....	28
2.6- Apresentação dos inquéritos aplicados aos professores.....	30

CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	36
CONCLUSÕES.....	36
SUGESTÕES.....	37
BIBLIOGRAFIA.....	38
ANEXOS.....	40
ANEXO I: ficha de Inquérito aplicada aos professores.....	41

INTRODUÇÃO

Introdução

A escola é o local privilegiado para a socialização das crianças e jovens, bem como para o processo de construção da identidade.

É com a entrada na escola que o número de relações sociais aumenta, contribuindo de forma afectiva para a manutenção, aumento ou mudança da sua auto - estima que se desenvolve á medida que os outros significativos agem e se expressam em relação às características e ao comportamento.

A interacção é o mais importante julgamento que o ser humano faz de si mesmo, pois pode ser responsável tanto pelo sucesso como pelo fracasso das suas acções.

No decorrer da vida, o homem encontra várias ameaças à interacção. Estas são proporcionadas pelas diversas ocorrências que levantam dúvidas quanto à performance a nível profissional e até mesmo estudantil, formando, assim, um auto conceito fragilizado. Neste caso, o desenvolvimento humano é incompleto se não se tiver em conta a auto-estima como parte do auto conceito.

O indivíduo ao poder decrescer e auto-avaliar-se tem que considerar como característica da interacção a sua dimensão descritiva e, conseqüentemente, avaliativa, pois que as relações no contexto das quais o indivíduo se sente estimado e valorizado funcionam, por um lado, como fonte de melhoramento pessoal e, por outro lado, como possibilidade de desenvolvimento de alternativa e recursos para a resolução de problemas interpessoais.

Ao falar da interacção, um dos aspectos mais importantes dessa pesquisa será o rendimento escolar.

Muitos autores explorados, tais como Burns (1982, citado por Albuquerque & Oliveira, 2002) têm vários pontos de vista, mas as suas ideias encontram um ponto comum no que concerne à interacção como sendo parte da auto concepção.

Ainda relativamente à interacção pode-se dizer que ela afecta directamente tudo que o indivíduo faz, seu trabalho, sua vida social, seus estudos.

O grande interesse pelo assunto justifica-se em querer esclarecer a relação da auto-estima com o rendimento escolar dos alunos da 9.^a classe da Escola investigada.

O presente trabalho tem a sua importância no âmbito social, já que a interacção é uma dimensão sócio cognitiva, ela é responsável tanto pelo sucesso ou pelo fracasso de qualquer realização, influenciando na capacidade em lidar com os problemas da vida, nas relações conjugais, na forma de lidar com a solidão, com o desemprego, com o marido agressivo, com filhos que dão trabalho e muito outros aspectos.

Do ponto de vista académico, o aluno é incentivado a descobrir o seu potencial para que possa alcançar uma aprendizagem. A partir disso, é muito importante que o professor tenha conhecimentos úteis, com relação a didáctica e a metodologia pedagógica que o faça reflectir sobre como elevar a auto-estima do aluno, tendo como objectivo fazê-lo compreender que todos têm capacidade de aprender. No espaço escolar, o professor possui a oportunidade de fazer com que o aluno sinta e veja que sua vida fora da escola, e é também um aprendizado expressivo para a sua formação intelectual, pessoal e social.

Mediante o exposto anteriormente, identificou-se o seguinte problema: Qual é a importância da interacção social no rendimento escolar dos alunos da 2.^a classe da Escola do ensino primário N^o 60 do Lubango?

O objecto de investigação: Circunscreve-se na importância da interacção social no rendimento escolar dos alunos da 2.^a classe da Escola do ensino primário N^o 60 do Lubango. O presente estudo circunscreve-se no âmbito da Psicologia Pedagógica, concretamente na escola Primária N^o 60 do Lubango.

Descrever a importância da interacção social no rendimento escolar dos alunos da 2.^a classe da Escola do ensino primário N^o 60 do Lubango é o objectivo Geral, e isto permitiu determinar os seguintes objectivos específicos:

1. Identificar as principais teorias que se debruçam sobre o objecto de estudo;
2. Caracterizar a situação actual do objecto de estudo na escola investigada;
3. Elaborar, aplicar e interpretar os resultados do inquérito por questionário (aplicado) na escola investigada.

O trabalho estará assim estruturado em dois capítulos, sendo que o primeiro trata do enquadramento teórico, através das teorias que sustentam o trabalho; o II capítulo trata do enquadramento metodológico, para além da introdução, conclusões, sugestões, bibliografia e anexos.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1- A Interação social: Definição

A interação social é algo presente na vida dos indivíduos, pois é um processo voltado às relações sociais que são desenvolvidas com aqueles que nos cercam. Para a sociologia, esta é inclusive uma condição necessária para formação da sociedade, já que é a partir desse meio que as pessoas se transformam em sujeitos sociais.

O contacto social e a criação de redes de relacionamentos são responsáveis pelo desenvolvimento da comunicação e da geração de determinados comportamentos (Ornelas, 2008). Neste contexto, a compreensão do desenvolvimento humano é incompleta se não se tiver em conta a interação social, cuja essência tem sido estudada desde as diversas áreas da Psicologia, em particular da Psicologia da Educação.

Burns (1979 citado por Albuquerque e Oliveira, 2002) refere que apesar de a literatura não revelar uma definição clara como tal e universalmente aceite, existe um ponto em comum no que diz respeito à interação, como sendo a percepção que o indivíduo tem de si e dos outros, ou seja, a forma como ele vê em si os seus aspectos positivos e negativos e a partir daí formar um sentimento de valor próprio no sentido de amar-se e aceitar-se.

De uma forma geral, a interação social parte do princípio de que há uma recíproca conexão, referente a comunicação entre os indivíduos. No entanto, muitos estudiosos ressaltam que a interação social envolve diversas formas e pode ocorrer entre uma ou mais pessoas, assim como essa relação pode ser estabelecida em diferentes ambientes. De acordo com a teoria de John B. Thompson, existem quatro modos diferentes de interação entre os indivíduos. São eles:

- **Interação face a face:** nesse caso a relação ocorre entre duas ou mais pessoas de forma presencial. Um exemplo é a interação entre um professor em sala de aula e os alunos.

- **Interação mediada:** refere-se a interação feita por meio de um objecto mediador, como o telefone e o computador.
- **Quase-interacção mediada:** apesar de ser um tipo de interacção social parecida com a citada anteriormente, esta se diferencia por apresentar apenas um fluxo de comunicação, ou seja, é unidireccional. Além disso, não há uma definição acerca do destinatário, como ocorre em uma conversa telefónica, em que sabe-se com quem se fala. Como exemplo é possível citar a interacção entre o telespectador assistindo o jornal na TV ou uma pessoa fazendo a leitura de um livro.
- **Interação mediada on-line:** esse é um exemplo claro da interacção vivida por nós na era digital. A comunicação acontece de “todos com todos” ou entre duas ou mais pessoas. Como exemplo destaca-se o *feed* de publicações nas redes sociais, em que há alta possibilidade de interacção entre as pessoas. Nesse caso também é possível citar as conversas entre as pessoas por meio de aplicativos.

Shevelson e Bolus (citados por Albuquerque e Oliveira em 1982, 2002) abraçaram essas falhas terminológicas e uma variedade de conceitos, enfatizando que a interação social é a influência mútua e a ação coletiva das pessoas entre si. In Science: "Uma forma de realizar laços e relações sociais em um sistema que pressupõe a existência de pelo menos dois agentes, o próprio processo de interação e as condições e fatores que o possibilitam.

Factores de interacção social

A interação social depende de muitos fatores, que podem ser agrupados em cinco grandes categorias. Compreender essas categorias o ajudará a entender melhor o seu próprio comportamento e o dos outros.

1 Acções e características de outras pessoas

O comportamento e o pensamento são influenciados pelo que as outras pessoas dizem e fazem, bem como pelos traços físicos e de carácter daqueles ao seu redor.

Por exemplo, você pode ter atitudes diferentes em relação a pessoas de gêneros diferentes, pessoas de aparência comum e pessoas informais.

Não há dúvida de que as palavras e ações dos outros influenciam nosso comportamento e pensamento. Mike (2004, citado por Boaventura, 2009) Além disso, nosso comportamento é determinado por características pessoais.

2. Processos cognitivos

Neste caso, sob o processo cognitivo, em primeiro lugar memória, raciocínio e julgamento. Um exemplo simples: seu amigo estava atrasado para uma reunião com você e agora está dando desculpas. Você vai acreditar nele? Se você se lembra que ele se atrasou muitas vezes e traiu seu desprezo pela pontualidade, então isso é improvável. Os processos cognitivos, especialmente a memória, têm demonstrado desempenhar um papel importante nas interações sociais.

3. Variáveis Ambientais

As variáveis de ambiente devem ser entendidas como o ambiente físico. Por exemplo, as pessoas são mais propensas a serem agressivas e irritáveis quando a sala está quente e abafada do que em um ambiente confortável.

Além disso, as variáveis ambientais influenciam fortemente o desempenho e o humor de uma pessoa. Bloqueios, apertos, barulho, ar sujo - tudo isso dificulta o foco nas tarefas e o otimismo. Até o clima pode afetar as interações sociais.

4. Contexto cultural

Albuquerque e Oliveira (2002, citado por Vaz Serra, 1986) dizem que não é segredo que pessoas criadas em culturas diferentes se comportam de forma diferente. Cada cultura tem suas próprias normas, suas próprias noções do que é aceitável e inaceitável, suas próprias noções de bem e mal, seus próprios padrões de comportamento.

Pessoas em diferentes países têm atitudes diferentes em relação a novos conhecidos, normas de aparência, família e trabalho. Portanto, o background cultural tem uma influência importante na interação social.

O mundo está mais diversificado e pessoas de diferentes culturas estão interagindo cada vez mais umas com as outras. Portanto, devemos estar sempre atentos a este aspecto.

5. Factores biológicos

Falamos sobre fatores genéticos e processos biológicos. Os cientistas concordam cada vez mais que nosso comportamento e características são amplamente determinados por genes e informações herdadas de nossos pais.

Existe até a ciência interdisciplinar da sociobiologia. Ele tenta explicar o comportamento social em termos de vantagens em relação à evolução. Portanto, podemos concluir que a interação social depende de um grande número de diferentes fatores que podem influenciá-la.

Portanto, o comportamento é difícil de entender e prever, mas se você expandir seu conhecimento nessa área, os resultados certamente o satisfarão (Will, 1983).

1.2- Incursão Histórica sobre o estudo da Interação social

O interesse pelas questões das relações sociais interpessoais surgiu no século XIX, quando as pessoas começaram a questionar e refletir sobre a influência dos grupos sociais no comportamento humano. De 1830 a 1930 pode-se ver uma variedade muito rica de ideias, seu eixo comum é: 1. A pressuposição de que as experiências de grupo encontram-se entre os mais importantes determinantes da natureza humana e 2. A de que os fenômenos sociais são passíveis de investigação científica. Além disso, já se apontava, desde essa época, que "a experiência social - não somente com adultos, mas também com coetâneos - é de importância central para a ontogênese em muitas espécies" (Hartup, 1983, p. 104).

Na realidade, a preocupação maior parecia ser a de buscar conhecimento sobre a natureza humana, com ênfase nos efeitos do grupo sobre o comportamento humano, do que propriamente nos efeitos da interação social. Pressupunha-se que a identificação de características comuns encontradas nos indivíduos em diferentes grupos e em diferentes contextos levaria ao conhecimento da natureza humana.

Apesar da riqueza das ideias expostas, estas tinham um carácter mais especulativo, não tendo favorecido a construção de uma base empírica consistente, dado que a colecta de dados não era sistemática, quando analisada a partir dos parâmetros actualmente exigidos para a investigação científica.

Na década de 30, acirrou-se o debate acerca da validade de se estudar o papel do grupo social, discutindo-se conceitos produzidos tanto pela Psicologia Social, como pela Psicanálise (tais como o de "realidade" do fenómeno social, o de inconsciente colectivo, o de self especular, entre outros). Concomitantemente, constata-se um maior investimento no desenvolvimento de métodos de investigação do comportamento social. Foi nessa época que se iniciou o desenvolvimento de técnicas de observação do comportamento de indivíduos em grupo. Estudos sobre o "clima social" de grupos de crianças fortaleceram os esforços de criação de técnicas experimentais para a investigação dos efeitos da manipulação de diferentes variáveis. Um outro avanço metodológico foi representado pelo desenvolvimento de instrumentos sociométricos.

Com o advento da 2ª Guerra Mundial, os estudos sobre a interação social praticamente desapareceram da literatura, tendo voltado a aparecer, após seu término, mostrando um interesse especial pela teoria neo-freudiana e pela teoria de aprendizagem social do desenvolvimento da personalidade, enfatizando a relação pais-filhos (Hartup, 1983).

Na década de 60, relativamente pouca pesquisa foi feita sobre as relações interpessoais, no que se refere à sua emergência, ou às mudanças que nela ocorrem, no decorrer do tempo. Cabe lembrar que grande parte da produção científica nesse período abordava, sim, a interação, mas com o objectivo de

identificar os eventos determinantes do estabelecimento, da manutenção e da mudança do comportamento do indivíduo.

A década de 70 mostrou-se surpreendentemente rica para o estudo da interacção, tanto no que se refere à quantidade de trabalhos publicados, como, principalmente, no que se refere a propostas teóricas acerca de sua natureza e função, vindo a oferecer, assim, novas direcções estimuladoras e provocativas para a pesquisa.

A primeira grande tendência encontrada caracteriza-se pela investigação dos efeitos da interacção no comportamento social dos indivíduos, enfatizando o indivíduo, em sua aquisição de competências sociais, ou o ambiente, em suas influências na determinação do desenvolvimento. Encontram-se aqui:

1. Os trabalhos fundamentados na teoria social da aprendizagem, dando continuidade à investigação e demonstração dos efeitos do reforçamento e da punição, bem como de diferentes estratégias de instalação e modificação do comportamento. Nesta linha de pesquisa, o aspecto fundamental reside na busca de conhecimento sobre como se dá a determinação mútua do comportamento, dentro do contexto interactivo, avançando mais recentemente na consideração de aspectos cognitivos da aprendizagem social - representados pela atenção às mudanças observadas no significado das contingências, em função do desenvolvimento.

2. Os trabalhos fundamentados em variações da teoria de sistema, mais frequentes na investigação das relações familiares. Nesta linha de pesquisa, as interacções foram ora concebidas em termos de relações de poder e de troca, ora como contexto de processos adaptativos que permitem manter o equilíbrio do sistema.

É interessante lembrar que neste período, a produção científica referente tanto ao contexto familiar, como ao contexto escolar começa a apontar a necessidade urgente de se olhar para a interacção como processo. Críticas ao estudo da família enquanto sistema de troca e de poder desviaram a atenção dos investigadores da "preocupação com resultados da interacção, para esforços em

delinear o processo interactivo propriamente dito" (Aldous, 1977, p. 14). Tais esforços passaram a buscar informação acerca da qualidade da interacção familiar, das percepções mútuas entre membros da família e das relações afectivas e de compromisso entre os membros da família (Maccoby & Martin, 1983).

No tocante à investigação da interacção no contexto das parcerias entre iguais, principalmente criança-criança, os esforços, desde o início já se caracterizaram pela busca de descrição da interacção e se seus efeitos, bem como sobre o significado de relações especiais (a de amizade, por exemplo).

Esse movimento ganha em sistematização e clareza, vindo a constituir a segunda grande tendência. Nela, a interacção passa a ser vista enquanto processo complexo que tem propriedades próprias e peculiares, qualitativamente diferentes das dos seus componentes mais simples. Além disso, nesta tendência, a interacção passa a ser vista como via de formação de relações sociais, produto considerado como um sistema comportamental de imensa significância adaptativa para os seres humanos (Schaffer, 1984, p. 4).

1.3- Teorias sobre a interacção social

As teorias interaccionistas, com a qual tantas pessoas estão obcecadas hoje em dia, predizem que só os que se sentem bem consigo e com os outros se sairão bem, motivo por que acham que todos os estudantes precisam disso. Contudo, as pesquisas não têm apoiado essa teoria (Baumeister, 2001). Pois, Um grande número de pessoas com pouca interacção teve êxitos na realização de um ou outro tipo de actividade. Por exemplo, Gloria Steinem, que escreveu muitos livros e foi uma das principais líderes do movimento feminista, revelou, recentemente, na sua obra "A revolução interior" (1993) que ela sofreu de baixa auto-estima e interagiu pouco.

1.4- A Teoria da Actividade

Esta teoria desenvolvida por Leontiev (1893), argumenta que o desenvolvimento do homem ocorre pela necessidade primária de estabelecer relações com alguém

próximo de modos satisfaça de alguma necessidade particular; portanto, o desenvolvimento de funções psíquicas afectará a partir de um processo de apropriação de algum conhecimento, transubstanciando o esforço externo em esforço interno. De acordo com esta proposta, as relações são estabelecidas impulsionados por um ideal, que concebe três pontos de aplicabilidade que acontece num ambiente social; através de actividades intermediado nas relações entre sujeitos; e é uma actividade entre o sujeito e o objecto.

No campo da academia, a actividade está directamente ligada à ideia da necessidade de ter um motivo para tal. portanto, é o motivo que impulsiona a acção do aluno, para que ele seja responsável pela sua inserção, facilitando o seu desejo de conhecer a razão de um certo esforço e onde pretende chegar com ele. Um dos grandes problemas na tutoria é a falta de compreensão da finalidade de um certo esforço ou acção do aluno, portanto, não basta trabalhar com certos conteúdos finos na sala de aula para assegurar a sua compreensão, há a necessidade de propor condicionamentos específicos, que favorecem a internalização de generalidades e, conseqüentemente, o desenvolvimento do individuo.

Neste sentido, esta teoria constitui o ponto principal da presente exposição, pois é através dela que o individuo se apropria dos conteúdos finos com outras disciplinas da academia e com o meio social, assegurando a inserção e integração social (Viera, 2010).

1.5- Teoria de Vygotsky

Apropriando-se das práticas culturalmente estabelecidas, o indivíduo vai evoluindo das formas elementares de pensamento para formas mais abstractas, que o ajudarão a conhecer e controlar a realidade. Portanto, os processos mediacionais estão presentes também na constituição do próprio sujeito e suas formas de agir (Tassoni, 2000).

Vygotsky (2009) divide o desenvolvimento em dois níveis. O primeiro é o nível de desenvolvimento real, que é tudo aquilo que o indivíduo consegue fazer sozinho.

O segundo seria o nível de desenvolvimento potencial, ou seja, o que o indivíduo não realiza sozinho, porém com a ajuda de um adulto ou um parceiro mais capaz ele consegue realizar. O professor precisa conhecer seu aluno, para actuar entre estes dois níveis de desenvolvimento, que é chamado zona de desenvolvimento proximal.

Para este autor a zona de desenvolvimento proximal é um importante instrumento nas mãos dos educadores, pois identifica não só o desenvolvimento real (aquilo que o indivíduo já aprendeu), como também o desenvolvimento potencial (aquilo que ele é capaz de realizar com auxílio). O docente, ao saber o que o indivíduo já é capaz de fazer sozinho, actua na segunda situação assim, a noção de zona de desenvolvimento proximal capacita-nos a propor uma nova fórmula, a que o bom aprendiz é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento.

O cérebro do ser humano é dotado de uma capacidade conhecida como plasticidade, que é definida como a capacidade que o cérebro possui em adaptar-se diante das “influências ambientais durante o desenvolvimento infantil, ou na fase adulta, restabelecendo e restaurando funções desorganizadas por condições patológicas (Sarmiento, 2010).

Relativamente à construção da linguagem e do estudo, o autor afirma que, quando a criança nasce, precisa do adulto para a sua sobrevivência e para intervir na sua relação com o ambiente. Neste sentido, Vygotsky(2009) assinala que a fala/língua é o principal intermediário na construção das funções cerebrais avançadas, uma vez que a linguagem tem duas características abecedárias que são a comunicação e a construção do estudo.

Sarmiento (2010) afirma que a principal função da língua é o contacto social, que se desenvolve a partir da necessidade de comunicação do existente. assim, o existente aprende a usar a língua como forma de expressão de estudo e de comunicação, e, é nesse momento que a língua e o permitido combinam, para semelhante, o permitido torna-se verbal e a língua torna-se racional.

O pensamento verbal é predominante no condicionamento cerebral, e o domínio da língua é importante para as mudanças aplicáveis a fazer na forma como o

indivíduo se relaciona com o meio onde se encontra inserido, permitindo assim novas formas de comunicação e na organização do pensamento (Vygotsky, 2009).

Diante do exposto, é possível afirmar que a interação influencia o processo de ensino-aprendizagem sendo que a qualidade dessa relação é determinante para o sucesso na aprendizagem do aluno. No entanto, é necessário que o professor tenha consciência da importância das relações entre aluno-professor, aluno-objecto e professor-objecto e a necessidade de uma prática pedagógica reflexiva que faça uso das boas relações afectivas, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz e significativo.

Portanto, a Psicologia histórico-cultural contribui para repensar a prática docente, a partir de uma concepção do desenvolvimento humano, construído pelas relações sociais, outro sim, devem ser estabelecidas a nível das interações afectivas.

1.6- Teoria de Piaget

Para Piaget, o conhecimento é o fruto do intercâmbio entre o organismo e o ambiente. Estes intercâmbios são responsáveis pela construção da capacidade de se conhecer a si próprio. Produzem estruturas mentais que, sendo orgânicas, não são, contudo, programadas no genoma, mas aparecem como resultado das exigências feitas pelo ambiente ao organismo. A alteração organismo-ambiente ocorre através do que Piaget chama o processo de adaptação, com os seus dois aspectos complementares: assimilação e acomodação (Cavicchia, 2010).

A partir de tais perturbações produzem-se construções compensatórias que buscam novo equilíbrio, melhor do que o anterior. Nas sucessivas de equilíbrios e reequilíbrios o conhecimento exógeno é complementado pelas construções endógenas, que são incorporadas ao sistema cognitivo do sujeito. Nesse processo, que Piaget denomina processo de equilíbrio, se constroem as estruturas cognitivas que o sujeito emprega na compreensão dos objectos, factos

e acontecimentos, levando ao progresso na construção do conhecimento (Cavicchia, 2010)

A capacidade de organizar e estruturar a experiência vivida vem da própria actividade das estruturas mentais que funcionam ordenando, classificando e estabelecendo relações. Há um isomorfismo entre a forma pela qual a criança organiza a sua experiência e a lógica de classes e relações. Os diferentes níveis de expressão dessa lógica são o resultado do funcionamento das estruturas mentais em diferentes momentos de sua construção. Tal funcionamento, explicitado na actividade das estruturas dinâmicas, produz, no nível estrutural, o que Piaget denomina os “estádios” de desenvolvimento cognitivo. Os estádios expressam as etapas pelas quais se dá a construção do mundo pela criança (Cavicchia, 2010).

Ainda (Cavicchia, 2010), para que se possa falar em estágio nos termos propostos por Piaget, é necessário, em primeiro lugar, que a ordem das aquisições seja constante. Trata-se de uma ordem sucessiva e não apenas cronológica, que depende da experiência do sujeito e não apenas de sua maturação ou do meio social. Além desse critério, Piaget propõe outras exigências básicas para caracterizar estádios no desenvolvimento cognitivo:

Estádio sensório-motor: Este estágio inicia-se no nascimento e prolonga-se até aos dois anos de idade, sendo ele caracterizado pela acção e não pelo pensamento. Nestas idades, a criança ainda não pensa mas encontra-se provida de esquemas que lhe permitem agir no meio envolvente. Em vez de palavras e conceitos, a criança serve-se de percepções e movimentos que a permitem compreender os objectos pelo seu manuseamento. Afirmar que a criança não tem pensamento não significa dizer que não é inteligente, mas sim que possui uma inteligência prática (Cavicchia, 2010)

1.7- O sucesso escolar

Agora, o papel da escola é cultivar um cidadão sóbrio, crítico e autónomo. Porém, a nossa experiência mostra que quando nos perguntamos como nos preparar

para este cidadão, o silêncio é grande. Não porque a resposta seja desconhecida, mas porque parece óbvia em certo sentido. Perseverando um pouco mais, é possível encontrar a resposta, por exemplo: a escola ensina a ler, escrever, entender os conceitos básicos do mundo social, resolver problemas e assim por diante. No entanto, essas respostas parecem insatisfatórias, e perguntamos novamente: mas como as escolas fazem isso? Mais uma vez, não podemos encontrar a resposta.

Portanto, parece necessário enfatizar que a decisão deve ser da escola, sim, é formar cidadãos, ou seja, cidadãos que são entendidos como participantes da sociedade, para tomar decisões correctas com base em projectos pessoais relacionados a projectos sociais mais amplos. Nestes termos, a tarefa da escola torna-se mais complexa do que apenas transmitir informações ou habilidades de ensino. Na verdade, embora essas sejam qualidades importantes a serem desenvolvidas, eles não podem explicar como as escolas devem agir para atingir seus objectivos.

Como vimos, para encurtar a longa história, os cidadãos que são capazes de tomar as decisões adequadas precisam ter: informações sobre o ambiente natural e social, eles próprios e os outros; pensar estratégias que permitem operar com base nessas informações; orientá-los para aquisição de valores de uma determinada acção.

De acordo com a ênfase da escola nessas três tarefas, diferentes culturas escolares foram estabelecidas. Assim, quando um aluno entra na escola (se cumpre com as suas funções), ele passa por um processo de matrícula, o que o torna diferente da forma como sai da escola. Mas o que é a cultura? Agora, cultivo se refere ao processo de fornecer cultura por meio da exposição a modelos aceitos (por meio de imitação), interpretação, interacção e feedback. Este processo fornece informações úteis para a aprendizagem contínua (Bruner, 2001).

A experiência tem mostrado que é muito mais fácil identificar uma cultura focada na informação (tentando orientar os alunos para aumentar e melhorar o

conhecimento, como as chamadas escolas de conteúdo) e enfatizar a formação de alunos e ensiná-los cultura. Principalmente na orientação de comportamentos, são considerados valores e atitudes positivas. No primeiro caso, pode-se dizer que é irónico que o resultado da acção escolar seja um aluno bem informado, mas ele não necessariamente sabe como usar seu conhecimento para tomar as decisões acertadas em seu tempo e sociedade. Na segunda parte, alguns temas sabem correctamente os rumos a serem tomados, mas carecem de uma base conceitual sólida que lhes permita expressar suas informações com clareza para nortear suas acções.

Escolas que priorizam e sabem como motivar e promover o raciocínio dos alunos - escolas que usam ideias para processar informações e orientar a tomada de decisão correcta com base em seu tempo e valores socialmente aceitos são raras. Isso porque promovem uma cultura de pensamento que permite às pessoas que participam das actividades aproveitar mais a experiência escolar: aprendem a controlar melhor os impulsos; melhoram a capacidade de reflectir e planejar; analisar entre as opções disponíveis, de modo a confirmar a escolha feita. Portanto, é necessário compreender melhor o que é "cultura ideológica" (Jay, 1999).

1.8- Factores gerais que influenciam na interacção social.

De acordo com os autores, o desenvolvimento da interacção social é influenciado por vários factores, destacando-se entre eles a família, a personalidade e o autoconhecimento.

1.1.1.Família

Considera-se família o conjunto de pessoas unidas por laços consanguíneos e na mesma casa, em partilha das mesmas ideias, hábitos e costumes.

Tradicionalmente, a família é constituída por pai, mãe e filhos, unidos por matrimónio ou união de facto, constituindo, assim, o centro, núcleo para a promoção e transmissão dos valores morais e sociais. O seio familiar deve

proporcionar amor, harmonia, carinho, paz, afecto, elementos seguros para a resolução de problemas.

Martins e Cabrita (1991) afirmam que apesar das diferenças culturais e dos diferentes modelos de constituição de acordo com as características humanas, a família sempre teve o papel principal de proporcionar, proteger e educar as crianças, oferecendo-lhes condições para se tornarem indivíduos que podem viver em sociedade. É no seio da família como núcleo da sociedade que as primeiras relações afectivas e sociais devem ser promovidas. É na família que se realizam as fases de crescimento e onde os hábitos, costumes e primeira aprendizagem são estabelecidos. É através desta relação que a criança reúne modelos de interacção que irão orientar as suas acções de coexistência ao longo da sua existência. A sua forma de pensar e de agir é o resultado de experiências adquiridas em intercâmbios familiares.

Os pais devem seguir e controlar o processo de ensino-aprendizagem, tentando estreitar a relação escola-família, e não apenas esperar pelas notas no final do ano lectivo. Segundo Lopes e Vivaldo (2007) "as notas são consequências e não o objectivo principal do processo educativo; o que de facto deve ser tido em conta é o esforço e dedicação do aluno (criança) que, inevitavelmente, atingirá boas notas. No entanto, há que ter consciência de que as melhores notas nem sempre são a consequência de grandes esforços e vice-versa. O foco central deve ser a aprendizagem significativa. As crianças que têm acompanhamento familiar, boa convivência, relacionamento, regras, limites, entre outros, têm bom desempenho escolar, tanto qualitativa como quantitativamente, não apresentando dificuldades em relação às regras e rotinas escolares. O acompanhamento familiar pode evitar possíveis falhas e permitir a verdadeira aprendizagem do aluno.

A criança passa mais tempo com a família do que com a escola. Por isso, a família tem competência e autoridade para promover o desenvolvimento da auto-estima e, conseqüentemente, do bom rendimento escolar do seu educando, pois a educação parte de casa e a escola complementa-a. Os pais devem incentivar o processo de ensino-aprendizagem promovendo, antes de tudo, um ambiente saudável e motivador em casa. A importância da família como agente educativo é inquestionável. Pois é na família onde os vínculos afectivos são estabelecidos e se processam saudavelmente,

isto entre pais e filhos, o que vai desencadear um desenvolvimento de padrões interactivamente positivos na construção da auto-estima do filho.

É evidente que a importância da família, de outras relações e da sociedade como um todo alteram a auto-estima de uma pessoa. Mas a auto-imagem é sempre uma avaliação da própria pessoa; logo, se os pais virem de modo positivo a sua participação no processo educativo do filho, fortalece-se a autoconfiança (Marques, 2002).

1.1.2. Personalidade

A personalidade nunca poderá ser descartada da possibilidade de ser um dos motivos básicos para o desenvolvimento da auto-estima e, conseqüentemente, um mau ou bom rendimento escolar. Quando o professor toma uma turma, tem de ter em conta a maneira de ser, pensar de cada um, o que influencia de qualquer forma o rendimento escolar, por causa das particularidades individuais.

Monteiro e Santos (2001) definem a personalidade como a forma de pensar, de sentir de um indivíduo, capaz de integrar, representar e dar significados as suas experiências da vida. Pessoas diferentes comportam-se de forma diferente perante situações semelhantes, mas pode observar-se uma continuidade ou uma relativa estabilidade no modo como cada pessoa se conduz em diferentes situações.

A personalidade é pois um conceito integrador e organizador da acção humana, que se define e redefine na interacção constante entre a realidade interna do sujeito e as suas circunstâncias de vida, apesar de suportar-se nas noções de coerência interna e de estabilidade, desenvolvendo-se desde o nascimento até à morte, no confronto com as diversas tarefas desenvolvimentais. Caminha, desejavelmente, no sentido de uma crescente maturidade que caracteriza o indivíduo adulto e as suas formas relacionais, em que se salientam aspectos como a autonomia, o autocontrolo, a capacidade de comunicação interpessoal, a expressão das ideias, do afecto e a construção de projectos de vida.

Para Weiss (2008) cada pessoa é uma personalidade singular, isto é, não é possível ser repetível. Uma das causas desta irrepetibilidade da personalidade refere-se ao

temperamento, carácter, aptidão e tendência. O conjunto destes quatro elementos é o que faz as qualidades e propriedades da personalidade.

O temperamento permite compreender se uma pessoa é colérica, ardente, corajosa, medrosa, parada, lenta, optimista ou pessimista, de rápida reacção ou não perante uma situação; se a pessoa é paciente ou desiste facilmente quando as coisas lhe parecem complicadas, etc. Quer isto dizer que no processo de ensino-aprendizagem, o temperamento permite ao docente notar a expressão da intensidade, do ritmo da actividade mental dos alunos, a maneira rápida ou lenta de falar dos educandos.

Conhecer a personalidade de uma forma geral é conhecer a maneira de ser, de estar e de saber fazer, descobrindo, desta forma, habilidades, talentos e inclinações. Isto tudo serve de ponto de partida para assegurar o rendimento escolar.

A personalidade integra características duráveis que diferenciam as pessoas, isto é, o comportamento que cada um de nós tem. A personalidade leva-nos a actuar de uma maneira consistente e previsível quer em diferentes situações, quer durante longos períodos de tempo (Vygotsky 1979).

Defende ainda, por outro lado, que quando as crianças, sobretudo, são expostas à informação que surge dentro da sua zona de desenvolvimento proximal (ZDP) e quando encontram informações que surgem dentro da ZDP, aumenta o seu conhecimento, sobretudo na execução de uma nova tarefa. Contrariamente, se esta informação se encontrar fora desta ZDP, elas não são capazes de dominar o autoconhecimento.

1.1.3. Autoconhecimento

O conhecimento é visto como um constructo social e, por isso, o processo educativo é favorecido pela participação social em ambientes que propiciem a interacção, a colaboração e a avaliação. Pretende-se que os ambientes de aprendizagem sejam ricos em possibilidades e propiciem o crescimento porque ali se processa a informação (Bernet, 1993).

O autoconhecimento liga-se à capacidade de auto-confrontação que vai ser a capacidade que pode ser difícil de pôr em prática de forma eficaz e construtiva (Fonseca, 1987).

Os psicólogos cognitivos sustentam que a cognição abrange os processos mentais superiores dos seres humanos, daí incluir o modo como as pessoas conhecem e compreendem o mundo, processam informações, fazem julgamentos, tomam decisões e descrevem o conhecimento e a compreensão que têm dos outros, fruto das mudanças significativas nas capacidades de processamento de informação que vai possibilitar o autoconhecimento (Feldman, 2001).

O auto conhecimento está implícito no desenvolvimento cognitivo que surge como consequência das interações sociais onde as crianças trabalham com outras, para em conjunto solucionarem problemas (Vygotsky,1979).

1.2. Factores que influenciam o rendimento escolar

O rendimento escolar define-se como o nível de rendimento que um estudante pode alcançar, em geral, no ambiente escolar e, em particular, numa disciplina. Este pode medir-se com as evoluções pedagógicas entendidas como “um conjunto de procedimentos que se planeiam e aplicam dentro do processo educativo, com o fim de obter a informação necessária para o aproveitamento por parte dos alunos, dos propósitos estabelecidos para o referido processo (Veiga1993, citado por Osório, 2002).

São vários os factores que influenciam no rendimento escolar, mas a realidade prática quotidiana ainda se tem apoiado bastante na teoria do (in) sucesso escolar, há os dons individuais, apontando assim o aluno como o responsável de todos os obstáculos ou problemas que aparecem no processo de ensino-aprendizagem: é preguiçoso, desocupado, não é inteligente, em fim. Se mal geridos, estes obstáculos levam ao baixo rendimento escolar.

Os factores psicológicos, fisiológicos e nutricionais, pedagógicos (os professores, a escola, os métodos de ensino e de aprendizagem; os currículos escolares a

transições de um nível para o outro, o modo avaliativo a relação professor-aluno), a situação económica do professor e do aluno, os factores afectivo - emocionais, a violência escolar, a situação geográfica da escola, os contextos socioculturais e políticos (atitudes, crenças, opções, normas, etc.) incluindo a família, constituem um conjunto infinito de motivos, cuja solução está na responsabilidade da família, da escola, do aluno e da comunidade.

Todas as causas apontadas ou que venham a ser apontadas distribuem-se basicamente nestes quatro factores.

1.2.1. Influência da família

Considera-se família o conjunto de pessoas unidas por laços consanguíneos e vivem na mesma casa, em partilha das mesmas ideias hábitos e costumes. Tradicionalmente, a família é constituída por pai, mãe e filhos, unidos por matrimónio ou união de facto. Gaspar e Diogo (2010.158) afirmam que "apesar das diferenças culturais e dos diferentes modelos de constituição em função das características humanas, a família sempre teve o papel principal de proporcionar, proteger e educar as crianças, oferecendo condições para que elas se tornem indivíduos e possam viver em sociedade.

Os pais devem acompanhar, controlar o processo de ensino-aprendizagem, procurando estreitar a relação escola/família, não esperar apenas pelas notas no fim do ano lectivo. A criança passa mais tempo com a família que com a escola. Por isso, a família tem de ter competência e autoridade para promover o bom rendimento escolar do seu educando, pois a educação parte de casa e a escola complementa-a. Os pais devem incentivar o processo de ensino-aprendizagem, promovendo, antes de tudo, um ambiente saudável e motivador em casa. Tiba (2002) defende que é dentro de casa, na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para ter saúde social.

O conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos (2007) complementa dizendo que um ambiente fundamental para a aprendizagem é a família. Mesmo quando não estão conscientemente focados em objectivos institucionais, os

integrantes da família proporcionam recursos para a aprendizagem das crianças e conexões com a comunidade.

Por isso, as famílias incompletas, os divórcios, o mau clima familiar, o pouco interesse dos pais pelo acompanhamento escolar, têm criado, sem dúvida, motivos de fraco desempenho, desistências, reprovações, originando, desta forma, o insucesso escolar, em virtude da deficiente socialização primária. Gaspar e Diogo (2010:157) complementam a ideia, quando dizem que a socialização primária, que é tarefa da família através dos vínculos de afectividade e respeito, tem vindo a descaracterizar-se. Desse modo, a socialização primária, envolvida pela importância dos afectos e valores legados pela família, chega incompleta à escola, o que faz com que cada vez mais a escola assuma um papel importante em todo o processo de socialização.

A família é a primeira comunidade onde a criança aprende normas, valores regras para poder conviver com toda a sociedade.

1.2.2. Influência da escola

A maior responsabilidade, o trabalho árduo de transformação mental, da mudança de atitudes, do desenvolvimento de hábitos e habilidades e competência capaz de transformar a sociedade é inculcada à escola, embora coadjuvada pela família. Eis a razão pela qual se tem confiança e respeito por um indivíduo pelo grau que se sabe que tem. Para que o nível académico não seja apenas uma exibição teórica, a escola necessita criar bases seguras a partir da própria direcção. O director da escola deve conhecer a instituição, o quadro docente e discente, assim como os seus pontos fortes e fracos. Deve ser competente, habilitado e inovador no desenvolvimento das actividades diárias.

Para Brito (1991), lidar com uma escola é supervisioná-la de acordo com o ponto de vista do stock deliberado das suas preocupações, utilizando cada um dos bens humanos, materiais e monetários para o objectivo e cumprimento dos seus anseios, necessidades e tarefas, para fazer a escola progredir e a formação dos subestudantes. A escola deve supervisionar as regiões, por exemplo, a

administração académica/educativa, autoritária e monetária e a administração útil dos espaços. Um espaço horrível, sombrio e conflituoso, normalmente proporciona um sentimento de inquietação nos clientes, o que terá definitivamente repercussões nas ligações relacionais.

1.2.3.A preparação pedagógica do professor

A vontade, a motivação torna-se uma das chaves para o alcance do bom rendimento escolar durante o processo de ensino-aprendizagem, pois assim o professor torna-se inovador, renovador de métodos e técnicas para o incentivo da aprendizagem em colaboração com os alunos e outros intervenientes ao processo. Embora a preparação do aluno para a sociedade não dependa só do professor, este torna-se de qualquer maneira o protagonista, pois é ele que está munido de ferramentas próprias para descobrir as deficiências, dificuldades, os problemas, os pontos fortes e fracos de cada um dos elementos constituídos do grupo. Então, o professor deve ser íntegro, crítico, atencioso, dominador dos conhecimentos e preocupado em superar-se cada vez mais e melhor, preparando para transmissão do saber ser, estar e aprender a viver.

Segundo Antunes (2004), O educador deve organizar-se buscando quatro aprendizagens essenciais, as quais serão como bússola segura ao longo da vida: aprender a conhecer, aprender a viver, aprender a viver juntos, a viver com os outros e aprender a ser.

1.2.4.Relação professor - aluno

A relação professor-aluno pode contribuir negativa ou positivamente para o rendimento escolar. Como manter uma relação facilitada, motivadora e assegurada do processo ensino-aprendizagem durante o ano lectivo sem interrupções negativas? Como definir metas nesta mutualidade? Como manter o respeito entre aluno/professor? A interacção professor/aluno é um aspecto fundamental da organização da situação didáctica, tendo em vista alcançar os objectivos do processo de ensino: a transmissão e a assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades.

Entretanto, não é o único factor determinante da organização do ensino, razão pela qual o mesmo precisa de ser estudado em conjunto com outros factores, principalmente a forma de aula (actividade individual, actividades colectivas, actividades em pequenos grupos, actividades fora da escola, etc.).

Libâneo, (1994) ressalta dois aspectos da interacção professor/aluno no trabalho docente: o aspecto cognitivo (que diz respeito a formas de comunicação dos conteúdos escolares e as tarefas escolares indicadas aos alunos) e o aspecto sócio emocional (que diz respeito às relações pessoais entre professores e alunos, às normas disciplinares e indispensáveis ao trabalho docente). O professor não transmite apenas uma informação ou limita-se a fazer perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidireccional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão a reagir à actuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem também para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades. Esta é uma das funções da avaliação diagnóstica.

1.2.5. Influência da comunidade

A criança já nasce inserida na comunidade, a qual se encarrega de dar os primeiros ensinamentos, fazendo a sua primeira socialização. Gaspar e Diogo (2010) consideram a comunidade como indissociável à ideia de participação na acção da existência, à partida, de um interesse ou necessidade que não se constitui do individual para o colectivo, mas sim do colectivo para o individual.

Falando concretamente do rendimento escolar, sendo o resultado do processo ensino-aprendizagem, cai-se, em geral, no erro de se isolar a escola da comunidade, o que tem contribuído para a fraca capacidade de análise, comparação e reprodução dos conhecimentos por causa do ambiente que se torna fechado, limitando à experiência pessoal. O ensino não deve ser visto apenas dentro da sala de aulas, mas sim em conexão com a comunidade.

Subsequentemente, Lopes e Silva (2008) afirmam que a ligação e socialização entre pares pode ser melhorada através de algumas técnicas utilizadas no sistema de aprendizagem útil, que se espera que seja um dos meios para os sub-estudantes obterem capacidades interactivas e fazerem progressos académicos. A aprendizagem útil permitirá aos sub-estudantes criar e construir as suas capacidades interactivas em cachos de uma forma sólida e, além disso, dar aprendizagem de ideias escolares através da participação e ajuda partilhada.

Relativamente às interacções entre pares, Vitorino (2008) reforça a sua importância por serem um factor importante na aprendizagem com o outro, sendo que estas consistem na troca de informação para a construção de algo novo, que não existia antes da interacção. Este autor indica também que as crianças em idade escolar juntam-se aos seus pares para resolver um problema, mesmo que estes saibam menos do que eles, têm uma maior compreensão da tarefa do que se resolvessem sozinhos ou sob o ensino de outra pessoa, como o professor.

Actualmente, no imenso universo que é a escola, existem diferentes estratégias para a educação dos jovens. Nas escolas angolanas, a estratégia de exibição mais repetitiva está ligada à presença de uma figura focal para a transmissão de ideias e conteúdos, o educador, e os receptores de todos os dados, os sub-estudantes (Sanches, 2005).

Como referido por (Lopes e Silva 2009), esta técnica, em regra denominada educação convencional, deixa de lado a partilha de informação entre os sub-estudantes e o desenvolvimento de perspectivas como a socialização, o esforço coordenado, a ajuda partilhada e a participação para um objectivo comum, considerando a melhoria de uma imensa independência e intensidade entre os sub-estudantes.

(Lopes e Silva 2009) afirmam que o trabalho realizado pelos jovens que são expostos à estratégia de demonstração habitual os impede de encontrar trabalho útil e de partilhar responsabilidades, negligenciando conseqüentemente o estabelecimento de um conjunto de ligações positivas entre todos os componentes do encontro. DiazAguado (2000) funde este pensamento quando

pensa que as bases instrutivas devem dar a aprendizagem de itens lógicos, bem como a preparação fundamental dos sub-estudantes através do avanço das capacidades e perspectivas, e devem igualmente permitir a sua mediação no público em geral do qual fazem parte.

Desta forma, torna-se essencial executar uma aprendizagem útil na sala de estudo para o melhoramento de perspectivas agradáveis, com vista a uma enorme aprendizagem da substância lógica, revigorando ao mesmo tempo o melhoramento das capacidades interactivas (Diaz-Aguado, 2000).

Trabalhar de forma agradável pode assim converter-se em melhores resultados escolares, confiança alargada, ligações fortificadas de parentesco e ajuda partilhada e reconhecimento mais digno de nota do contraste e do outro. A aprendizagem útil, independentemente de ser uma técnica de aprendizagem educativa na sala de estudo ainda mínima assumida pela maioria dos educadores, é vista por alguns criadores como um método e não como um fim para a obtenção de capacidades mentais e sociais básicas para uma aprendizagem de qualidade (Johnson and Johnson, 1999).

Para (Johnson and Johnson, 1999), a participação implica que a reunião precisa de tentar alcançar objectivos específicos, de modo a que tanto a reunião como todos os componentes que a fazem obter resultados positivos.

Nesta linha, quando os estudantes comunicam, "compreendem" que podem atingir os seus objectivos e cada parte está atenta à realização do que está a ser educado, mas adicionalmente para ajudar os seus associados, fazendo um ambiente de realização.

CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1- Preliminares da investigação

Este trabalho teve início com a identificação do problema, seguida pela leitura crítica da documentação, que possibilitou a elaboração do seu corpo teórico. Posteriormente fez-se a elaboração de um inquérito por questionário que foi aplicado a uma amostra de 10 professores da segunda classe do Colégio nº 60' do Lubango, que foi seleccionado intencionalmente de um universo populacional de 10 professores, com o objectivo de avaliar o seu nível de conhecimento sobre a importância da interacção social no rendimento escolar.

2.2- Caracterização geral do Colégio nº 60 do Lubango

O Colégio nº 60 está localizado na sede do município, província da Huíla, concretamente no bairro comercial, ladeada pela unidade dos bombeiros e do parque infantil o pirilampo.

O referido colégio é de construção definitiva e tem 16 salas de aulas; 4 quarto de banhos, dos quais 3 funcionam, em que 2 são dos alunos e outros 2 é dos professores. Tem uma cantina escolar; gabinetes: do director, do subdirector-pedagógico e do subdirector administrativo.

No colégio em referência, lecciona-se da iniciação a 6ª classe, e funciona em dois períodos, isto é, manhã e tarde.

2.3- Design da investigação

Para a presente investigação utilizou-se o *design* de natureza descritiva, que segundo Silva (2004), a pesquisa descritiva são desenvolvidas em ciências humanas, sociais e de educação, baseado em factos observados, registados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles.

2.4- Instrumentos de investigação

Para se recolher os dados na presente investigação, foi utilizada entrevista estruturada.

De acordo com as palavras de Marconi e Lakatos (2003), a entrevista é uma técnica que permite o relacionamento estreito entre o entrevistador e o entrevistado. Entrevista são estruturada quando possuem as questões previamente formulada, isto é, o entrevistador estabelece um roteiro prévio de pergunta e não a liberdade de alterar os tópicos ou fazer inclusão de questões diante a situação (p. 108).

As entrevistas foram aplicadas ao subdirector pedagógico do respectivo colégio, recorrendo-se, para tal, a um guião de questões previamente elaborado para evitar tópicos alheios à investigação, como a caracterização geral do colégio.

O inquérito na modalidade de questionário foi aplicado a 10 professores da segunda classe da escola em referência. As questões do questionário agrupam-se em duas secções (ver anexo I): uma tem a finalidade de recolher dados sociodemográficos de interesse sobre os participantes, tais como: género, idade e habilitações literárias e período de trabalho; a outra secção tem a finalidade de conhecer as opiniões dos professores sobre a importância da interacção social no rendimento escolar.

2.5- Determinação da população e amostra

2.5.1- População

Para a presente pesquisa, seleccionou-se como população, 10 professores da segunda classe do Colégio nº 60 do Lubango.

2.5.2- Amostra

A amostra foi comporta por 10 professores da segunda classe que foram incluídos de acordo o tipo de amostragem não probabilística de conveniência que segundo

(Fortin, 2009) é formada por sujeitos que são facilmente acessíveis e que estão presentes no mesmo local para preencherem os inquéritos.

Tabela 1 - Caracterização da amostra dos professores que leccionam por período

Período	Frequência	Percentagem
Manhã	5	50%
Tarde	5	50%
Total	10	100%

A tabela acima apresenta de forma sucinta o número de professores que leccionam por período, em que estão repartidos 50% por períodos, perfazendo um total de 100%.

Tabela 2- Caracterização da amostra dos professores por idade

Idade	Frequência	Percentagem
25 - 40	5	50%
41 – 67	5	50%
Total	10	100%

O quadro acima mostra concisamente a amostra de professores por idade, em que estão repartidos 50% dos professores com idades compreendidas dos 25 anos aos 40 anos de idade e outros dos 41aos 67 aos de idade, perfazendo um total de 100%.

Tabela 3- Caracterização da amostra dos professores por género

Género	Frequência	Percentagem
Masculino	3	30%
Feminino	7	70%
Total	10	100%

Esta tabela ilustra a amostra de professores por género, onde 30% são do género masculino e outros 70% são do género feminino, perfazendo um total de 100%.

Tabela 4- Caracterização da amostra dos professores por habilitações literárias

Categoria	Frequência	Percentagem
Técnico Médio	2	20%
Bacharel	3	30%
Licenciado	5	50%
Total	10	100%

Os dados deste quadro representam de forma sucinta, as características gerais da nossa amostra dos professores por habilitações literárias. Tal como podemos observar 20% são técnicos médios, 30% são bacharéis e 50 são licenciados.

2.6- Apresentação dos inquéritos aplicados aos professores

Tabela 5- Q1: Já ouviu falar sobre interacção social?

Resposta	Nº de professores	Percentagem
Sim	10	100%
Não	0	0%
Total	10	100%

Quadro referente a questão nº 1, mostra-nos que todos os professores inqueridos, responderam unísono que ouviram falar acerca da interacção social. Isto implica dizer que a temática não é desconhecido no seio dos professores.

Tabela 6- Q2: Achas que os alunos que interagem entre si, respondem com confiança as perguntas que lhes são colocadas pelos professores?

Resposta	Nº de professores	Percentagem
Sim	9	90%
Não	1	10%
Talvez	0	0%
Total	10	100%

Concernente à segunda questão, 90% dos professores inqueridos respondeu que os alunos que trabalham interagem entre si, respondem com confiança as perguntas que lhes são colocadas pelos professores. 10% Respondeu que não.

Nesta perspectiva recorre-se ao pensamento de Bossa (2000) quando diz que os alunos ganham mais confiança quando os mesmos interagem entre si, com família, com os auxiliar e com os professores.

Tabela 7- Q3: Os alunos são mais criativos na resolução de certas tarefas escolares dadas pelos professores, quando os mesmos (alunos) interagem entre si?

Resposta	Nº de professores	Percentagem
Sim	8	80%
Não	2	20%
Total	10	100%

De acordo com a questão número 3, 80% respondeu sim. Os alunos são mais criativos na resolução de certas tarefas escolares dadas pelos professores, quando os mesmo (alunos) tralham e interagem entre si. E 10% respondeu que não.

Isto permite corroborar com a ideia de Johnson e Johnson (1999) ao afirmar que a interacção social pode traduzir-se assim em melhores resultados académicos, aumento da auto-estima, reforço das relações de amizade e entreaajuda e maior aceitação da diferença e do outro.

Tabela 8- Q4: Como avalias a (sua) interacção social com os teus alunos?

Resposta	Nº de professores	Percentagem
Muito boa	2	20%
Boa	6	60%
Razoável	2	20%
Total	10	100%

Quanto a questão número 4, 60% dos professores avaliam a (sua) interacção social com os teus alunos como boa, 20% considera muito boa, e outros 20% considera razoável.

A interacção professor/aluno é um aspecto fundamental da organização da situação didáctica, tendo em vista alcançar os objectivos do processo de ensino: a transmissão e a assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades (Libâneo, 1994).

Tabela 9- Q5. A interacção social nos alunos permite a aquisição de competências cognitivas e sociais fundamentais?

Resposta	Nº de professores	Percentagem
Sim	8	80%
Não	2	20%
Total	10	100%

Referente a questão número 8, dos professores que corresponde a 80% respondeu que sim, a interacção social nos alunos permite a aquisição de competências cognitivas e sociais fundamentais tais como, melhores resultados académicos, aumento da auto-estima, reforço das relações de amizade e

entreaduado e maior aceitação da diferença do outro. Enquanto 2 correspondentes as 20% responderam não.

Nesta linha, não é difícil concordar que a aprendizagem útil através da comunicação amigável, apesar de ser uma estratégia de aprendizagem educativa na sala de aula ainda mínima abraçada pela maioria dos educadores, é percebida por alguns poucos criadores, como um método e não como um fim para a obtenção de grandes capacidades mentais e sociais para uma qualidade que descubra como ocorrer (Johnson and Johnson, 1999).

Tabela 9- Q6: Concorda que o envolvimento parental e a preparação pedagógica do professor influenciam no rendimento acadêmico dos alunos?

Resposta	Nº de professores	Porcentagem
Sim	7	70%
Não	1	10%
Talvez	2	20%
Total	10	100%

De acordo com a questão número 6, 7 professores que corresponde a 70% respondeu que o envolvimento parental e a preparação pedagógica do professor influenciam no rendimento acadêmico dos alunos.

A criança passa mais tempo com a família que com a escola. Por isso, a família tem de ter competência e autoridade para promover o bom rendimento escolar do seu educando, pois a educação parte de casa e a escola complementa-a. Os pais devem incentivar o processo de ensino-aprendizagem, promovendo, antes de tudo, um ambiente saudável e motivador em casa. Tiba (2002:178) defende que é dentro de casa, na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para ter saúde social.

Segundo Antunes (2004) Embora a preparação do aluno para a sociedade não dependa só do professor, este torna-se de qualquer maneira o protagonista, pois é ele que está munido de ferramentas próprias para descobrir as deficiências,

dificuldades, os problemas, os pontos fortes e fracos de cada um dos elementos constituídos do grupo. Então, o professor deve ser íntegro, crítico, atencioso, dominador dos conhecimentos e preocupado em superar-se cada vez mais e melhor, preparando para transmissão do saber ser, estar e aprender a viver.

Tabela 10- Q7. Qual é a importância da interação social no rendimento escolar dos seus alunos?

Resposta	Nº de professores	Percentagem
a) Estimular o desenvolvimento cognitivo, competências sociais e atitudes cooperativas	6	60%
b) Colmatar as dificuldades dos alunos	4	40%
Total	10	100%

De acordo com a questão número 6, 60% dos professores responderam que a importância da interação social no rendimento escolar dos seus alunos é de estimular o desenvolvimento cognitivo, competências sociais e atitudes cooperativas. Enquanto 40% respondeu que consiste colmatar as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Relativamente às interações entre pares, Vitorino (2008) reforça a sua importância por serem um factor essencial na aprendizagem com o outro, sendo que estas consistem na troca de informação para a construção de algo novo, que não existia antes da interação. Este autor indica também que as crianças em idade escolar juntam-se aos seus pares para resolver um problema, mesmo que estes saibam menos do que eles, têm uma maior compreensão da tarefa do que se resolvessem sozinhos ou sob o ensino de outra pessoa, como o professor. Desta forma torna-se importante a

implementação da aprendizagem cooperativa na sala de aula para o desenvolvimento de atitudes cooperativas, com vista a aprendizagens significativas de conteúdos científicos, ao mesmo tempo que se estimula o desenvolvimento de competências sociais (Diaz-Aguado, 2000).

Tabela 11-Questão nº 8: Que estratégias devem ser usadas para potenciar a interacção social nos alunos?

Resposta	Nº de professores	Percentagem
Aprendizagem cooperativa	8	80%
Tratar sobre assunto com os alunos	2	20%
Total	10	100%

Em conformidade com a questão número 8, 80% respondeu que as estratégias devem ser usadas para impulsionar a interacção social nos alunos, é os trabalhos em grupo. Porquanto 10% defende que deve tratar sobre o assunto com os alunos.

Lopes e Silva (2008) defendem que a interacção entre pares e a sua socialização pode ser potenciada através de diversas estratégias nomeadamente a aprendizagem cooperativa, que se assume como um dos meios para a aquisição de competências sociais e para o alcance do sucesso escolar pelos alunos. A aprendizagem cooperativa vai permitir que os alunos desenvolvam e construam as suas competências sociais em grupo de forma saudável e também proporcionar a aprendizagem de conceitos escolares através da cooperação e da ajuda mútua.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

CONCLUSÕES

Após a fundamentação teórica e análise de interpretação dos resultados da presente investigação, subordinada ao tema 'Importância da interação social no rendimento escolar: Um estudo junto dos alunos da 2ª classe da escola do ensino primário Nº 60 do Lubango. Concluiu-se o seguinte:

1º- A interação social é algo presente na vida dos indivíduos, pois é um processo voltado às relações sociais que são desenvolvidas com aqueles que nos cercam. Para a sociologia, esta é inclusive uma condição necessária para formação da sociedade, já que é a partir desse meio que as pessoas se transformam em sujeitos sociais.

2º- A parte empírica da pesquisa mostra que cerca de 100% dos professores já ouviram falar sobre interação social. No tocante a importância da interação social 60% dos professores responderam que é de estimular o desenvolvimento cognitivo, competências sociais e atitudes cooperativas.

3º - 80% dos professores inquiridos afirma que os alunos são mais criativos na resolução de certas tarefas escolares dadas pelos professores, quando interagem entre si.

SUGESTÕES

As reflexões que apresentamos neste trabalho, não esgotam a abordagem do tema; razão pela qual, que se venham efectuar mais estudos sobre a importância da interacção social no rendimento escolar, uma vez que todos professores e não só, são chamados a dar o seu contributo, de colmatar as dificuldades de aprendizagem.

Por isso sugerimos o seguinte:

1 - Que a escola na sua missão socializadora e inclusiva, reconheçam diversas necessidades educativas dos alunos, e respondam assegurando-lhes uma educação de qualidade, que lhes proporcione aprendizagem por meio de currículo apropriado e promova modificações organizacionais, estratégias de ensino e uso de recursos, dentre outros quesitos.

2º - Que a escola promova cursos, palestras, seminários e debates entre alunos, professores e encarregados de educação acerca de matérias voltadas a importância da interacção social.

BIBLIOGRAFIA

1. Albuquerque, F. & Oliveira, F. (2002). *Aprendizagem e mudanças cognitivas em crianças*. Petrópolis: Vozes.
2. Aldous, A. G. (1977). *Inclusão Escolar: e o apoio psicopedagógico dentro das instituições escolares*. Brasil.
3. Antunes, I. S. (2004). *A importância de um psicopedagogo em uma Instituição Escolar*. Rio de Janeiro.
4. Baumeister, T. M. (2001). *Psicopedagogia: um olhar, uma escuta*. Curitiba – Brasil: XIBPEX.
5. Bernet, L. G. (1993). *Duas visões psicopedagógicas sobre o fracasso escolar*. São Paulo: Artes.
6. Boaventura, A. M. (2009). *O Envolvimento parental nas aprendizagens*. Instituto Universitário.
7. Brito, L. M. (1991). *Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar*. Curitiba: Expoente.
8. Bruner, Z. (2001). *Sucesso Escolar*. Lisboa: Plátano.
9. Diaz-Aguado, D. D. (2000). *Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento*. Arquivos Brasileiros de Psicologia.
10. Feldman, A. (2001). *A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica da mulher, da corporalidade e da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.
11. Fonseca, L. S. (1987). *Psicopedagogia: formação, identidade e actuação profissional*. Monografia. Campinas: Faculdade da Pontifícia Universidade Católica.
12. Gaspar, A., & Diogo, N. (2000). *A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
13. Hartup, P. (1983). *A Psicopedagogia ao serviço da orientação escolar*. Luanda.
14. Jay, C. (1999). *O Fracasso Escolar na 5ª Série, na Perspectiva de Alunos Repetentes, seus Pais e Professores*. *Psicologia: teoria e pesquisa*.

15. Johnson, A. F., & Johnson, V. M. (1999). *Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos*. Revista Brasileira de Educação.
16. Libâneo, S. C. (1994). *Educação pré-escolar: um lugar de afectos inclusivos*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
17. Lopes, F. & Vivaldo, J. (2007). *Diferenciação pedagógica na sala de aula*. Porto Editora.
18. Maccoby, O. & Martin, F. (1983). *Sobre o olhar do psicopedagogo: a importância desse profissional no âmbito escolar*. Belo Horizonte.
19. Martins, C., & Cabrita, N. (1991). *Pontos de encontros e desencontros na prática psicopedagógica: Argentina e Brasil*. Revista Psicopedagogia.
20. Monteiro, M. & Santos, A. (2001). *A importância do psicopedagogo na instituição escolar*. Rio de Janeiro: Atlas.
21. ORNELAS, J. (2008). *Clínica Psicopedagógica: epistemologia convergente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
22. Osório, M. T. (2002). *Estratégia de ensino-aprendizagem para a Pessoa com Deficiência Intelectual de 12 a 18 anos*. Curitiba.
23. Sanches, M. D. (2005). O Conceito de elemento da Antiguidade e Modernidade. Química Nova Escola.
24. Schaffer, M. R. (1984). *Psicologia e Educação: paradoxo e horizontes de uma difícil relação*. I Congresso Nacional de Psicologia Escolar.
25. Tassoni, E. (2000). *Afectividade e aprendizagem: a relação professor-aluno*. In: Reunião anual da ANPEd, ANPEd.
26. Tiba, V. R. (2002). *Professor e a Psicologia Aplicada na Escola*. Porto Alegre: Kinder.
27. Vaz Serra, B. (1986). *Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem*. Petrópolis: RJ Vozes.
28. Victorino, P. T. (2008). *Revista Nova Escola*. Revista Nova Escola. Porto.
29. Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
30. Weiss, C. (2008). *Psicopedagogia: alguma perspectivas para delimitação de seu campo*. Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia.
31. WILL, R. A. (1983). *O psicopedagogo na instituição escolar*. São Paulo: Artmed.

ANEXOS

IANEXO I: ficha de Inquérito aplicada aos professores



Instituto Superior de Ciências da Educação

ISCED-Huíla

Instrumento Para Recolha de Dados

Estimado (a) professor/a, estamos a realizar uma pesquisa científica enquadrada no âmbito do Trabalho de Fim-do-Curso, para a obtenção do grau de licenciatura em Ciências da Educação, opção de Ensino da Psicologia, com o tema: **IMPORTÂNCIA DA INTERACÇÃO SOCIAL NO RENDIMENTO ESCOLAR: UM ESTUDO JUNTO DOS ALUNOS DA 2ª CLASSE DA ESCOLA DO ENSINO PRIMÁRIO Nº 60 DO LUBANGO.**

Tal exercício pressupõe um trabalho de campo, isto é, uma recolha de informações de vários actores sociais, dentre os quais os professores, do Colégio acima referido.

Desta forma, recorro à sua colaboração para que nos forneça (de forma anónima) as informações solicitadas no presente documento em anexo, esperando contar mais vezes (se for necessário) com a sua colaboração nas próximas ocasiões.

Cientes da sua prestimosa colaboração, queira receber antecipadamente os nossos agradecimentos. Saudações académicas!

Indicações para o preenchimento do inquérito

Queira preencher os seus dados primeiramente, depois, assinale com **X** no quadrado que melhor se enquadra o seu ponto de vista, seguido de um breve comentário pessoal (caso seja necessário) sobre o assunto em causa.

Dados Pessoais

Idade: _____

Sexo: _____

Classe: _____

Regime:

Manhã _____

Tarde _____

Questões

Questão nº 1: Já ouviu falar sobre a interacção social?

Sim Não

Questão nº 2: Achas que os alunos que interagem entre si, respondem com confiança as pergunta que lhes são colocadas pelos professores?

Sim Não Talvez

Questão nº 3: Os alunos são mais criativos na resolução de certas tarefas escolares dadas pelos professores, quando os mesmo (alunos) em interagem entre si?

Sim Não Não posso dizer

Questão nº 4: Como avalias a (sua) interacção social com os teus alunos?

Sim Não Talvez

Questão nº 5: A interacção social nos alunos permite a aquisição de competências cognitivas e sociais fundamentais?

Bom Mal Normal

Questão nº 6: Concorda que o envolvimento parental e a preparação pedagógica do professor influenciam no rendimento académico dos alunos?

Sim Não Talvez

Questão nº 7: Qual é a importância da interacção social no rendimento escolar dos seus alunos?

- a) Dar apoio aos alunos
- b) Colmatar as dificuldades de aprendizagem
- c) Dar apoio vocacional aos alunos
- d) Ajudar de forma psicológica e psicopedagógica os alunos

Questão nº 8: Que estratégias devem ser usadas para potenciar a interacção social nos alunos?

- a) Aprendizagem cooperativa
- b) Por meio de palestras

Obrigada pela colaboração

Lubango/2021